

Naquela época, o tempo que passávamos no carro nunca era demais. Iríamos de carro até ao fim do mundo, desde que estivéssemos juntos.

Eu punha sempre o meu *Volvo* à disposição. Primeiro, porque era uma atitude *cool* e generosa. Segundo, porque assim garantia que todos tinham de ouvir a música que eu queria. Ninguém sabia cozinhar, mas metíamo-nos constantemente em magote no meu monovolume para fazermos compras ambiciosas na mercearia da College Avenue, aquela cujo trajeto demorava umas seis canções. Atravessávamos a baía pela ponte só para ir comer gelado, uma viagem que justificava gravar uma nova compilação musical em cassete. Na nacional 880, havia um supermercado aberto 24 horas, que descobrimos numa noite em que demos boleia a alguém até ao aeroporto — a suprema demonstração de amizade. Uma viagem de meia hora só para comprar blocos de notas ou roupa interior a meio da noite, e valia completamente a pena. De vez em quando, uma canção *pop* tresmalhada e áspera chamava-nos a atenção. *O que é isto?* Eu já escutara aquelas canções umas centenas de vezes, mas escutá-las na companhia de outras pessoas: era esse o momento de que estava à espera!

Os passageiros tinham personalidades diferentes. Alguns reclamavam o lugar da frente com uma intensidade neurótica, como se toda a sua identidade dependesse de tomar o lugar dianteiro. A Sammi brincava constantemente com o isqueiro, fazendo-o faiscar, até àque-

la tarde em que o porta-luvas pegou fogo. O Paraag tirava sempre as minhas cassetes do leitor e insistia em ouvir rádio. O Anthony não tirava os olhos da janela. O mais próximo que ficávamos de tocar outra pessoa era no aperto do assento traseiro, partilhando um cinto de segurança feito para um.

Eu absorvera o medo que os meus pais tinham dos ângulos mortos, pelo que a minha cabeça virava constantemente de um lado para o outro para verificar os vários espelhos, tomando nota dos carros nas faixas do lado, mas olhando também furtivamente para os meus amigos para ver se mais alguém tinha percebido que os Pavement eram muito melhores do que os Pearl Jam. Eu era responsável pela segurança deles, mas também pelo seu enriquecimento.

Tenho uma fotografia do Ken e da Suzy sentados lado a lado no banco de trás antes de começarmos uma pequena viagem de carro. Estão a mascar pastilha, sorridentes. Não me lembro de nada dessa viagem, a não ser a excitação de partir para um sítio qualquer. Tínhamos acabado os exames e, antes de dispersarmos no verão, alguns de nós passámos uma noite numa casa a algumas horas de distância de Berkeley. O pequeno e divertido perigo de percorrer a estrada em caravana, como se estivéssemos em missão secreta, ziguezagueando pelo trânsito, olhando cuidadosamente pelo retrovisor para ver se os outros ainda nos seguiam. Mudando abruptamente de faixa ou colando-nos ao carro da frente quando ficávamos sozinhos na estrada. Acho que passei mais tempo a preparar a compilação de músicas do que a conduzir até à casa e de regresso. A viagem inteira não durou nem vinte e quatro horas. Mas proporcionava a novidade dos sacos-cama, de não ter trabalhos de casa, de acordar de manhã num sítio desconhecido e novo, e isso bastava-nos.

Eu não estava habituado a ver o Ken no assento traseiro. Passámos muitas noites a deambular de carro por Berkeley, ele com a perna apoiada na porta do pendura, o olhar perscrutando o horizonte em busca de cafés ainda não descobertos, algum bar rasca e recôndito que se tornaria o nosso poiso assim que fizéssemos vinte e um anos. Ele andava sempre demasiado bem vestido — camisa, blusão desportivo, coisas que eu nunca usaria —, mas se calhar estava só pron-

to para a aventura. Na maioria das vezes, a aventura era só uma ida à loja de conveniência para comprar tabaco, um trajeto que durava uma canção.

Nessa idade, o tempo passa devagar. Estamos sedentos de que aconteça alguma coisa, passamos o tempo em parques de estacionamento, mãos enterradas nos bolsos, a tentar decidir aonde ir a seguir. A vida acontecia noutro sítio qualquer, era só questão de encontrar um mapa que nos levasse lá. Ou se calhar, nessa idade, o tempo passa depressa: estamos tão desesperados por ação que nos esquecemos de recordar as coisas quando acontecem. Um dia era uma eternidade, um ano uma era geológica. O salto do segundo para o terceiro ano da faculdade sugeria um novíssimo estado elevado de compostura e maturidade. Naquela época, as emoções são sempre muito altas ou muito baixas, a não ser que estejamos aborrecidos, e, então, nunca ninguém na história da humanidade se sentiu aborrecido àquele ponto. Ríamos tanto que achávamos que íamos morrer. Bebíamos tanto que aprendemos a existência de uma coisa chamada envenenamento por álcool. Eu ficava sempre com medo de ter envenenamento por álcool. Ficávamos acordados até tão tarde, possuídos por um delírio, que inventávamos uma teoria do todo, mas esquecíamo-nos de a anotar. Passávamos a toda a velocidade por paixonetas lendárias que de certeza nos arrasariam para o resto da vida.

Durante uns tempos, tivemos a certeza de que, um dia, escreveríamos o conto mais triste alguma vez escrito.

Lembro-me de ouvir os Fugees. Lembro-me da frieza do ar. Lembro-me da manhã seguinte, quando cada um emergiu do seu canto da casa, e o Ken foi até ao terraço, caneca de café na mão. *Como é que ele sabe fazer café?*, pensei para comigo. *Eu também devia saber*. Ainda tenho uma fotografia dele, a olhar para o horizonte matinal, as nuvens refletidas nos óculos. Ele só às vezes usava óculos, de uma forma que lhe dava um ar sério, adulto — nunca um ar de marrão.

Depois do pequeno-almoço — o que será que comemos? —, aventurámo-nos até à praia de areia branca, embora não estivesse

bom tempo. Enverguei uma camisa comprada em segunda mão, às bolinhas, com um colarinho gasto, um casaco de malha castanho e um gorro às riscas amarelas e pretas. As minhas sapatilhas *Vans* cinzento-acastanhadas eram a única coisa que tinha sido fabricada depois de nós nascermos. Há uma fotografia em que estou agachado, absorto, procurando conchas. O Ken está atrás, inclinado sobre mim e acenando alegremente para a máquina fotográfica. Tem vestido um blusão azul-marinho forrado a flanela, calças de ganga largas mas elegantes e botas castanhas. Noutra fotografia, está desenvoltamente empoleirado num rochedo alto. "Tira uma de mim e do Huascene", pede ele ao Anthony. Ele põe uma expressão airosa, enquanto eu me inclino na direção dele com um sorriso tolo.

Naquela época, passavam-se anos sem que ninguém posasse para uma fotografia. Nem sequer nos ocorria tirar fotos. As máquinas fotográficas eram sentidas como uma intrusão na vida quotidiana. Era estranho andar por aí com uma máquina fotográfica, a não ser que trabalhássemos para o jornal da faculdade e, nesse caso, tirar fotos já parecia um pouco menos sinistro. Quem tinha máquina fotográfica talvez a usasse durante aqueles últimos dias de aulas, em festas, ou quando as pessoas estavam a fazer as malas, a lógica do marranço de última hora aplicada ao ato de documentar as recordações. Se alguém tentava tirar-nos uma fotografia, mesmo que a intenção fosse ser tola ou espontânea, havia uma azáfama, uma pose desajeitada, porque a foto era definitiva, um ou dois disparos no máximo, mais do que isso já era obsessivo. Passava um momento, sem se dar por ele, até que, meses mais tarde, quando eram reveladas as fotografias que tínhamos tirado num concerto ou numa festa de anos, um verdadeiro evento, digno de registo, descobríamos imagens de amigos a preparar-se para sair, ou uma fotografia espontânea de algum momento banal, tirada para acabar o rolo. Já nem nos lembrávamos dela. Mais tarde, quando a fotografia se tornou omnipresente, as imagens, tiradas dia e noite, passaram a ser prova de que existíamos. Passaram a registar um padrão. Olhando para trás, começamos a duvidar da sequência dos acontecimentos. A duvidar se, sem provas, as coisas aconteceram de todo.

i Hua, Here is the answer:

$$y = \overbrace{(1.20 - 0.02x)}^{\text{price}}\ \overbrace{(50 + x)}^{\text{number}}$$

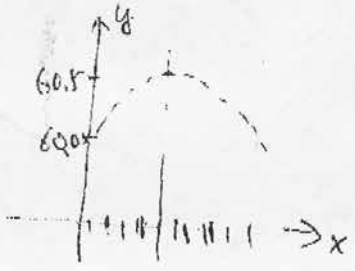
income

number of increasing sale

$$= 60 + 1.2x - x - 0.02x^2$$

$$= 60 + 0.2x - 0.02x^2$$

Draw a graph



⇒ At $1.2 - 0.02 \times 5 = 1.10$ per ice her income will be maximum at 60.5

This year's world series was very exciting. Wasn't it? Lot's of speculation play and always down to the last b at every extra in

y	x
60	0
60.18	1
60.32	2
60.42	3
60.48	4
60.5	5
60.48	6
60.42	7
60.32	8
60.18	9
60	10

Or $y = 60 + 0.2x - 0.02x^2$

$$= 60 - 0.02(x^2 - 10x)$$

$$= 60 - 0.02[(x-5)^2 - 5^2]$$

Dad

10/

Quando o meu pai se mudou para Taiwan, a minha família comprou dois faxes. Em teoria, serviriam para ele me ajudar com os trabalhos de casa de matemática. Eu estava a começar a escola secundária, um momento em que tudo — desde o instrumento que eu tocava à natureza diversificada do meu currículo — parecia de repente ter consequências sérias. Alguns anos antes, no sétimo ano, tinha feito uns testes que indicaram conhecimentos por pouco suficientes para saltar dois anos de matemática, e agora estava a pagar por isso. Atingira o cume cedo demais. A verdade é que era muito mau a matemática. Como muitos imigrantes que dão valor à educação, os meus pais mantinham a fé no domínio das disciplinas técnicas, como as ciências, em que as respostas não dependem da interpretação. Não se pode discriminar a resposta certa. Mas eu preferia passar o meu tempo a tecer interpretações.

Enviar faxes era mais barato do que fazer chamadas telefónicas internacionais, e a pressão era muito menor. Não havia silêncios hesitantes e gastadores. Bastava marcar o número do destinatário e passar uma folha de papel pela máquina para que uma cópia fosse impressa do outro lado do mundo. A diferença horária entre Cupertino e Hsinchu era tal que eu podia enviar uma pergunta ao meu pai por fax durante o serão e ter uma resposta quando acordava. Os pedidos que tivessem que ver com trabalhos de casa eram sempre marcados como urgentes.

O pai explicava-me cuidadosamente os princípios da geometria nas margens, pedindo desculpa se alguma explicação fosse apressada

ou pouco clara, mas estava ocupado a instalar-se no emprego novo. Eu lia de relance as explicações e copiava as equações e as provas. De vez em quando, para agradecer a atenção rápida mas cuidadosa que ele me dispensava, eu interrompia a série seguinte de perguntas sobre matemática com um resumo das notícias dos Estados Unidos: contava-lhe que o Magic Johnson anunciou ser seropositivo, narrava os acontecimentos que levaram aos motins de Los Angeles, mantinha-o a par de como andavam os New York Giants. Também lhe falava dos meus treinos de corta-mato e fazia promessas honestas de me esforçar mais nas aulas. Fazia listas das canções novas de que gostava e ele ia procurá-las nas bancas de cassetes de Taipei, para dizer de quais ele também gostava:

> Gosto da "November Rain" dos Guns N' Roses. A Metallica também é muito boa. Não consegui apreciar os Red Hot Chili Peppers e os Pearl Jam. As canções antigas reinterpretadas pela Mariah Carey ("I'll Be There") e o Michael Bolton ("To Love Somebody") são maravilhosas. Os concertos acústicos da MTV são uma grande ideia!

Mas no fim de contas, em adolescente, eu tinha mais que fazer do que trocar faxes com o meu pai. Ele aproveitava qualquer coisa que eu dissesse para me inundar de perguntas. Uma vez, descrevi uma das minhas aulas como "aborrecida" e ele interrogou-me sobre o uso desse termo, assinalando que "muitos 'desafios' são emocionalmente 'aborrecidos', mas razoavelmente 'úteis'". Referi que estávamos a falar dos anos 60 nas aulas de história e ele perguntou: "Estás convencido de que o Oswald matou o JFK sozinho?"

O pai perguntava-me sempre a minha opinião sobre as coisas. Talvez fosse uma tentativa de prolongar os nossos diálogos. Vinha falar-me de desporto, um assunto que eu nunca pensei que lhe interessasse de todo. Éramos como dois tipos a trocar conversa de circunstância numa loja de ferramentas.

> Redskin demais para o Bill!?

> Como estão os Nicks? [Knicks]